

CONSTRUINDO SABERES POR MEIO DO PROJETO INTERCULTURALIZANDO TALENTOS

Leandro Escobar de Oliveira¹

Ronélia do Nascimento²

Waldinéia Antunes Alcântara Ferreira³

RESUMO

Este artigo tem por objetivo relatar os resultados preliminares do Projeto Novos Talentos em Educação, Meio Ambiente e Diversidade do Vale do Arinos-MT, enfatizando o subprojeto: Interculturalizando talentos: articulações entre linguagens, história étnico-cultural e educação ambiental em escolas indígenas. O desenvolvimento das atividades foi dividido em duas etapas, pautadas em ações educativas, círculo de cultura e pesquisa participante, e abrange três escolas indígenas, dos povos Apiaká, Kayabi e Munduruku, na terra indígena Apiaká-Kayabi.

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalizando; Talentos; Povos Indígenas.

ABSTRACT

This article aims to report the preliminary results of the Project New Talents in Education, Environment and Diversity of Valley Arinos-MT, emphasizing the subproject: Interculturalizing Talents: Joints between languages, Ethnic Cultural history and Environmental Education in Native Schools. The devel-

1 Professor Formador do Cefapro – Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica do Estado de Mato Grosso.

2 Mestranda em Educação pela Universidade do Estado de Mato Grosso.

3 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso.

opment of the activities was divided into two stages, guided by educational activities, cultural circle and participatory research, and covers three native schools, the Apiaká, Kayabi and Munduruku people, in Apiaká-Kayabi land.

KEYWORDS: Interculturalizing; Talents; Native People.

Introdução

O programa Novos Talentos, da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –, visando apoiar propostas para a realização de atividades extracurriculares para a Educação Básica, com duração de 24 meses, aprovou o projeto Novos Talentos em Educação, Meio Ambiente e Diversidade no Vale do Arinos-MT, do *Campus* Universitário de Juara – Unemat, no ano de 2013. Este projeto é composto de 4 subprojetos, e, para este momento, trataremos de mencionar o subprojeto 1, intitulado Interculturalizando talentos: articulações entre linguagens, história étnico-cultural e educação ambiental em escolas indígenas, envolvendo as três escolas indígenas: Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká, do povo Apiaká; Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporyjup, do povo Kayabi; e a Escola Estadual Indígena de Educação Básica Krixí Barompô, do povo Munduruku, da terra indígena Apiaká-Kayabi-MT.

O referido subprojeto envolve estudantes e professores universitários das referidas escolas acima mencionadas, buscando dialogar e contribuir para enriquecer os diversos saberes entre as escolas e a universidade. Trata-se de uma ponte imaginária, troca de saberes, encontros interétnicos deste espaço, para que assim se possa corresponder aos propósitos políticos, sociais e educacionais voltados para a educação escolar indígena no Estado de Mato Grosso.

Para a organização e execução das atividades referentes ao subprojeto, contamos com uma coordenação composta por membros do corpo docente da Universidade, tendo dois estudantes bolsistas e colaboradores. Em contrapartida, as escolas das aldeias organizam-se entre os (as) professores(as), gestores, estudantes, anciãos(ãs) e lideranças para o desenvolvimento das atividades. Contamos com financiamento de recursos do projeto para custeio, definido em edital, para atender às despesas necessárias diante da de-

manda das atividades, envolvendo material de consumo, despesas de locação, passagens e serviços de terceiros no que diz respeito a pessoas físicas e jurídicas.

A iniciativa para o desenvolvimento deste subprojeto deu-se por meio de reunião nas aldeias para que se pudesse definir o tema a ser abordado. O povo Apiaká decidiu trabalhar com os marcadores de tempo envolvendo os pássaros da região; o povo Kayabi, com a casa tradicional; e o povo Munduruku, com remédios tradicionais.

As atividades foram divididas em duas etapas, a primeira sendo realizada no ano de 2014. Ocorreram três encontros na Universidade, possibilitando o encontro e o diálogo dos sujeitos envolvidos neste processo e trocas de saberes, como também as atividades desenvolvidas por cada povo em suas escolas, produzindo material para publicação de cartilha em coedição com a editora da Unemat.

Povos indígenas Apiaká, Kayabi e Munduruku: fazendo história e tecendo saberes

A realização deste subprojeto envolve os três povos indígenas para ações que os aproximam cada vez mais da universidade, propiciando as trocas de saberes e dando visibilidade aos seus saberes, como também um intercâmbio Interétnico entre os mesmos. A primeira atividade foi realizada em cada aldeia, com o intuito de dialogar para que cada povo pudesse identificar as necessidades existentes e decidir o que gostariam de abordar no projeto. A proposta foi algo que os deixou motivados a aceitar serem sujeitos participantes por considerarem importantes, os trabalhos que seriam realizados para suas escolas, pois as ações visam à construção de proposta de ações educativas, à história indígena e a questões ambientais.

Nesta execução de atividades, estes três povos são efetivamente sujeitos da ação, mobilizam e desenvolvem as atividades nas aldeias, são os porta-vozes de seus saberes, com autonomia intelectual, como nos ensina Lévi-Strauss (1989) sobre a atividade cognitiva não submetida a engessamento, sendo os sujeitos livres para pensar e intervir no mundo. Podemos mencionar que durante a execução destes trabalhos todos os envolvidos estão sub-

metidos a lidar com a liberdade, a criatividade e ao acaso, previsibilidade, persistência, autonomia do tempo e do agir.

A efetiva liberdade de decidirem nas atividades torna-se importante no que diz respeito à autonomia, porque a contrapartida da universidade, da coordenação e dos bolsistas é um trabalho de diálogo e de mediação e apoio logístico e financeiro diante das necessidades que surgem durante a execução das atividades. Nestas atividades os três povos expõem seus saberes, como Lévi-Strauss (1989) enfatiza que os povos indígenas têm uma forma de pensar própria, rica e fecunda que faz parte das condições do pensamento humano. Na vivência do projeto ecoam seus saberes, sendo os protagonistas e produtores de seus conhecimentos, dialogando cientificamente com a universidade.

Estes materiais produzidos pelo próprio povo, além de serem para valorização de sua cultura, também servem para os fortalecer como povo étnico, terem sua história registrada cientificamente, para que possam transformá-los em acervos. Desse modo estarão viabilizando, revitalizando a cultura como prova viva do passado e do presente, garantindo-a para o futuro das novas gerações. Podendo revigorar sua ancestralidade, como menciona Morales (2008) que, para compreendermos o mundo ameríndio especificamente é pela ancestralidade, por atravessar todas as práticas sociais e ser fundamental nas práticas comunitárias, é a ancestralidade que sustenta a identidade de um povo, é o caminhar histórico como povo, que unifica em sua cultura. Os ancestrais são lembrados em cada acontecimento na vida cotidiana.

Trazer para o presente os saberes dos ancestrais é uma afirmação de ser herdeiro, é acreditar que permanecemos entre o povo além de nossa existência terrestre, porque permanecemos vivos através dos ensinamentos.

Esse projeto passa a ser um legado para cada povo, constituindo a realidade de cada um, considerando a emergência explícita deles mesmos em não deixarem os saberes indígenas como algo secundário no exercício pedagógico nas escolas de suas aldeias. Serem os protagonistas na elaboração de materiais é uma maneira de reafirmar a sua identidade étnica e revitalizar a língua tradicional, e a escola é utilizada para ser este espaço intercultural, conciliando as diversas formas de saberes, como traz Morales (2008, p. 75):

Não é que dentro destas escolas não se possa falar de saberes técnicos e científicos, o que se pede é que estes saberes tenham uma real aplicação nas necessidades destas comunidades e que o produzido nestas áreas por seus ancestrais sejam também matéria de estudo e aplicação. Esse é o interesse de muitas destas comunidades.

Seguindo a linha de raciocínio da autora, a escola na aldeia tem o papel fundamental do encontro dos saberes e revitalização de sua cultura tradicional, para atender às especificidades de cada povo, garantir a preservação da sua identidade e, também, os conhecimentos da humanidade global. Neste sentido, é preciso pensar a educação escolar não desconectada da educação não escolar, mas que atenda aos costumes e à cosmovisão de uma sociedade.

Após cada escola ter definido a temática a ser abordada, a segunda atividade deu-se no *Campus* Universitário de Juara, com a presença dos professores das aldeias e professores e estudantes da Universidade, chamado de Círculo de Cultura, onde todos estão à volta de uma equipe de trabalho tendo um animador para debates e encaminhamentos das ações, possibilitando que todos aprendam e ensinem. Trata-se de uma metodologia freiriana que possibilita que os participantes possam interagir, seja por meio de pesquisa, do pensamento, de reflexões, de sentimentos e de deliberações, para elaboração dos projetos a serem desenvolvidos nas aldeias.

Para a universidade trabalhar este projeto, também requer o olhar diferenciado para cada escola, por se tratar de povos distintos, cada um com suas especificidades, organização, ação e reação diferentes. Perante essa realidade existente, Freire (1983, p. 29) menciona que

[...] não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina a um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo.

Nas ações desenvolvidas neste projeto, a universidade não atua como ditadora dos saberes, tampouco manipuladora das culturas, por ser uma prática antidialógica e afasta-se do que realmente vem a ser a verdadeira e autêntica educação que respeita e valoriza a diversidade.

Trata-se do encontro intercultural, que Morales (2008, p. 50) considera o princípio da reciprocidade, dar para receber, a expressão mais acertada

para ensinar a disponibilidade para a aproximação, a prática do encontro, do intercâmbio com o outro, a prática da tolerância, da identidade, ao mesmo tempo que respeite e valorize as formas de ser do outro. É uma das formas que possibilita compartilhar espaços em comunhão com o outro, sejam estes espaços religiosos, sociais, políticos, como também culturais, com pessoas de origens diversas.

E isso possibilita aprender com a diversidade e saber lidar com ela, conceber a dimensão desafiadora deste projeto, refletir para a formação de todos os envolvidos a grandeza destes trabalhos para sabermos lidar com não indígenas e com as comunidades indígenas, pautados na ótica de responsabilidade e autonomia das pessoas nesse processo educativo que terá repercussão não apenas escolar como também não escolar.

Este trabalho tem a dimensão que nos convida a refletir sobre a culturalização, e percebemos que esta mesma não é formada a curto prazo, é um processo que leva muitos anos, envolve as experiências vividas que delineiam os traços, valores culturais e particulares. Como ressalta Mello (1986), nada é simples, cada elemento cultural tem seu valor e, dependendo do mesmo, o significado é totalmente diferente. O mundo cultural tem envolvimento no mundo natural, pois ao observar o sol, a chuva, as doenças e muitos outros elementos, cada cultura os vê de formas diferentes. É a cultura que diferencia os povos e nações, é ela que nos torna povos distintos, com saberes particulares, autênticos, produto do/para o meio, que, na maioria das vezes, entram em confronto, e não ficamos isento de mudanças.

Os povos indígenas na realização das atividades estão e estarão envolvendo-se na cultura material por manipular e construir experiências coletivas e de uso cotidiano, de trocas e de interculturalidade, e na cultura imaterial por estarem transmitindo intencionalmente e pelo diálogo, as experiências e os saberes socioculturais entre seus pares, por meio de ações humanas produzindo conteúdos e significados, demonstrando hábitos, ideias, crenças e conhecimentos.

Nesta perspectiva a cultura material e imaterial produzidas pelas comunidades e compartilhada com a universidade via projeto de extensão, mobiliza a academia e produz interculturalidades.

A universidade é, e deve continuar sendo, um local por excelência para a produção de relações de aprendizagem cultural, de interculturalidade e de significações identitárias contribuindo com o bem comum e com a com-

preensão de que somos diferentes, pois vivemos em um mundo multicultural.

Este intercâmbio entre a universidade, o Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica e os povos indígenas é importante, pois possibilita uma construção dialógica e intercultural na perspectiva crítica. Para que as reflexões e encaminhamentos das ações do projeto fossem realizadas significativamente, optou-se pela vivência do círculo de cultura, e foi este o caminho decidido.

Neste primeiro círculo de cultura discutiu-se sobre a importância da pesquisa antropológica e participante. Para o desenvolvimento das atividades posteriores, torna-se viável pautar-se na pesquisa prática, como nos explica Demo (2000, p. 21) que a pesquisa participante está relacionada à práxis usando conhecimento científico para explicitar a intervenção. Este encontro possibilitou discutir a importância da investigação e a intervenção da realidade social de cada aldeia, ocorrendo envolvimento na elaboração e diálogo para a execução de um projeto organizado, político e social.

Os diálogos nos permitiram entender o envolvimento maciço para que pudessem abarcar reflexões acerca do (re)aprendizado dos saberes tradicionais para os estudantes de suas escolas, relacionando esses saberes materiais, imateriais e culturais, tornando-se cada vez mais aptos a intervir de maneira educativa, buscando a intertransmissão e compartilhando conhecimentos dos seus modos de vida, desvendando os aspectos subjetivos da ação, percepção, definição e explicação.

Também foi mobilizado a vinda do povo Tapirapé para a aldeia Mayrob, do povo Apiaká, para trabalhar a língua materna, considerando que a primeira versão das matérias serão na língua portuguesa e na língua materna, para posteriormente ser feito o documentário audiovisual. Os Munduruku e Kayabi também seguirão os mesmos procedimentos, tendo em suas aldeias pessoas que se encarregarão desse trabalho com a língua materna.

Torna-se perceptível o anseio dos índios sobre o material ter a versão na língua materna, poderem trabalhar em suas escolas com algo produzido por eles mesmos, possibilitando que seus estudantes tornem-se conhecedores tanto na oralidade como na escrita de sua língua materna. Esse almejo nos reporta a Comenius (2006), que considera que cada língua deve ser aprendida em dado tempo, para que não se torne principal o que é secundário e não se perca com palavras o tempo devido ao estudo das coisas. Os três povos vivem em um espaço interético, a língua portuguesa tomou conta

deste cenário, e essa iniciativa de revitalizar sua própria língua fortalece sua identidade. Compreendemos que tornar-se falante e escritor na língua materna, na atualidade, para este povo será um aprendizado gradativo.

Realmente todo aprendizado é gradativo, e pensando nisso foi feito o segundo encontro de três dias, no mês de junho, no *Campus* de Juara, para serem discutidos os avanços e dificuldades da pesquisa participante. Utilizando uma atividade chamada “muro das lamentações”, foi distribuído um pedaço de papel pardo e pincel atômico para escreverem uma dificuldade, que pregavam em um painel. Depois foi entregue um papel verde, em formato de uma folha, para escreverem a solução para o problema, e o pregavam no mesmo painel onde tinha um tronco de uma árvore chamada “árvore da esperança”. Este foi um momento em que os sujeitos envolvidos nesse processo puderam expor as dificuldades e perceber quais os novos passos a darem para que pudessem melhorar os trabalhos que estavam por vir.

Também foi trabalhado com o filme “Educação de pequena árvore” e aberto para discussão em plenária, como também a apresentação da história do povo Apiaká, na voz do professor José Maria Kixi, tendo também momentos de atividades culturais, dentre elas a dança Kawaiwte, do povo Kayabi, e outras atividades de lazer.

Este encontro foi marcado com a presença do professor doutor Luiz Augusto Passos, da Universidade Federal de Mato Grosso, e realizada roda de conversa sobre o contexto histórico do Sistema Único de Saúde e da política nacional de Educação Popular de Saúde. As trocas de saberes foram enriquecedoras, porque houve diálogo sobre o saber local de cada povo juntamente com os demais ali presentes sobre o tratamento de diferentes males que afetam a saúde do ser humano, podendo ser sanados por tratamentos com benzedeiros e raizeiros, donas de casa, dentre outros, utilizando preciosas informações advindas dos ancestrais. Esses são saberes que são importantes à recuperação dessas informações, por serem subsídios da biomedicina da flora e fauna local.

Quanto às trocas de saberes ocorridas neste momento do encontro, podemos dizer que foram pautadas na antroposofia, por reunirem pensamentos científicos, artísticos e espirituais que se relacionam no universo, envolvendo o ser humano em níveis físico, vital, anímico e espiritual, e essas naturezas distintas entrelaçam-se e atuam numa inter-relação, por organizar a compreensão humana e suas relações com o cosmos em prol de qualidade de vida saudável.

Reformam o pensamento para efetivar ações para retomar o uso, cultivo das plantas e resgatar os conhecimentos tradicionais, a valorização cultural desses saberes entre as gerações mais jovens. Como também valorizar os ensinamentos e conhecimentos dos pajés e benzedeiros, a importância da natureza e que, por meio dela, adquirimos não só o alimento, como também a cura. Para isso, é preciso conhecer as espécies existentes na vegetação nativa ainda existente nas aldeias e seus arredores, considerando que alguns desses remédios alternativos também são advindos de animais.

É o que Ferreira-Santos (2005) chama de consciência da natureza e reflexão do próprio corpo, a vivência do atemporal no espaço, reforça a noção de ancestralidade, de herança coletiva, que nada mais é que o patrimônio do grupo comunitário a que se pertence.

Agora as etnias que compõem este projeto estão se organizando para a produção de documentários e criação de um blog, sendo acompanhadas pela equipe da coordenação do projeto e profissionais especialistas na área.

O povo Munduruku, que desenvolve trabalhos referentes aos remédios tradicionais, desenhou as plantas e animais dos quais obtém remédios para cura de males, considerando o envolvimento dos professores e estudantes para desenhar, pintar e redigir o texto falando sobre o animal/planta e sua utilização para cura. Escaneavam os papéis sulfite onde estavam documentadas as informações, e um dos professores organizava em um *notebook* todo o material digitalizado. Durante o término da realização dos textos e desenhos, o cacique e ancião Joaquim Krixí acompanhou os trabalhos, orientando os(as) estudantes e professores.

Enquanto o povo Apiaká apresentou o material com textos redigidos e desenhos dos pássaros que são os marcadores de tempo, também feitos por estudantes e professores, com o mesmo procedimento seguiu o povo Kayabi, envolvendo professores, estudantes e anciãos para a construção da casa tradicional, retirando o material da natureza, fazendo mutirão para a construção, redigindo os textos e fazendo registros fotográficos de todo o processo.

Até o momento no processo já percorrido, e nos encaminhamentos futuros, percebemos a participação e expectativa dos sujeitos envolvidos, a valorização da participação dos anciãos e anciãs, considerando que a presença deles com os professores e estudantes nos faz compreender o que são dentro do âmbito da aldeia e da escola: conjuntos de experiências sociais vivenciadas, e é importante experimentar situações e relações produ-

tivas como necessidades, interesses e antagonismos e elaborar essas experiências em sua consciência e cultura, tornando o cotidiano num espaço e tempo significativos.

Os anciãos, juntamente com os professores, exercem um papel fundamental na articulação dos conhecimentos a serem trabalhados com os estudantes, e isso se torna valioso por se tratar de um trabalho em que cada pessoa deve assumir a importância que cada um possui na sociedade pelo fato do sujeito influir no mundo tanto por meio de seus atos quanto pelo que é. Analisando os trabalhos apresentados por cada povo, podemos dizer que cada povo tem um jeito de mobilização, organização e educação. O sentimento de responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes é visível nos professores e anciãos, para que façam um trabalho significativo que contribua em focar as novas gerações no compromisso do grupo social, estar aberto para a construção de uma cosmovisão que se dá nas relações com os outros, com a natureza e seus ancestrais, compreenderem que o modo de vida no mundo é recíproco e coletivo.

Não podemos negar que faz parte do ser humano a necessidade de conhecer, porém cada povo tem uma maneira própria de aprendizado e ensinamento. No caso destes três povos indígenas antes de terem escola e até mesmo após tê-la, muitos dos ensinamentos e aprendizagens deu-se a partir de histórias contadas pelos mais velhos, passando entre as gerações. Os conhecimentos que antes eram via oralidade, atualmente buscam sistematizar e trazer para os trabalhos educativos escolares, fazendo-nos acreditar na responsabilidade que este espaço educativo tem para com a formação de seus estudantes, porque neste momento a escola é um meio de se obter o conhecimento.

Considerações finais

Este trabalho vem sendo realizado com preparação teórica, vivências de círculos de cultura e com reuniões que ocorrem na Unemat e aldeias. O desenvolvimento do projeto envolve universitários da graduação e da especialização, professores e funcionários da universidade, professores do Cefapro, estudantes, anciãos e lideranças das aldeias indígenas dos povos Kayabi, Apiaká e Munduruku, visando à elaboração de materiais pedagógicos que envolvam os saberes históricos culturais e cosmológicos destes povos.

Os resultados obtidos nesta primeira etapa tem sido a elaboração dos materiais para publicação de uma cartilha, e a criação de blog e registros audiovisuais para elaboração de documentários bilíngue (em língua portuguesa e na língua materna).

A realização das propostas que constam neste projeto visa contribuir com o intercâmbio entre os diferentes povos do Vale do Arinos, como também com as escolas indígenas existentes nesta região, tendo o próprio povo como protagonista da elaboração e execução deste trabalho. Estamos perante um processo enriquecedor para ambas as partes envolvidas no projeto, por existir a troca de ideias, explicações e reflexões, formulando um pensamento que possibilita conhecimento. E, assim, julgamos interessante a valorização da interculturalidade para que cada vez mais encontremos um modo de ancorar as aprendizagens nas nossas experiências, podendo ser expressadas na oralidade e na escrita, colocando-nos sempre como sujeitos da aprendizagem, promovendo a autonomia e a capacidade de intervenção direta ou indiretamente de acordo com a utilidade de projetos como este, idealizando uma sociedade onde se vive em conjunto.

Referências

COMÊNIO, João Amós. *Didática magna*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2000.

FERREIRA SANTOS, Marcos. Ancestralidade e convivência no processo identitário: a dor do espinho e a arte da paixão entre Karabá e Kiriku. *Coleção Educação para Todos*. Educação antirracista: caminhos abertos pela Brasília: SECAD/Ministério da Educação, 2005.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

LÉVI-STRAUSS, C. *A ciência do concreto*. In: _____. O pensamento selvagem. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia cultural*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

MORALES, Patrícia Perez. *Espaço-tempo e ancestralidade na educação ameríndia*: desdobramentos de Paulo Freire na província de Chimborazo – Equador. 2008. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.